



VI CONBALF

ALFABETIZAÇÃO
E DEMOCRACIA:

DIREITO À LEITURA
E À ESCRITA

CONGRESSO
BRASILEIRO DE
ALFABETIZAÇÃO

ISSN 2763-8588

AS NOVAS SUPERFÍCIES DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Margarete Nunes¹

Wendell Fiori de Faria²

Maria de Fátima Ferreira de Oliveira Rosilho³

Tatiane Castro dos Santos⁴

Eixo temático 6: Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: O presente estudo tem por objetivo investigar a importância dos multiletramentos na prática pedagógica dos professores alfabetizadores. Como metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica, materializada em resultados de pesquisas e estudos realizadas por: Pinheiro (2010); Coscarelli (2019); Frade; Araújo, Glória (2019); Pereira (2019); Queiroz; Filho (2019); Hissa (2020); Rocha (2021), tendo sustentação teórica em Schön (1992); Garcia (1999); Tardif (2014); Ferreira; Teberosky (1999); Rojo (2009, 2017, 2019); Fullan; Hargreaves (2000); Vigotsky (2007), orientados legalmente pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Conclui-se, com o estudo, que, na prática pedagógica dos alfabetizadores vem ocorrendo a aproximação junto aos multiletramentos como viés que fundamenta essa ação, porém, ainda perfaz a necessidade de ampliar as reflexões por parte de toda a comunidade escolar acerca de como esses docentes consideram o uso dos recursos metodológicos de ensino e aprendizagem, bem como, em relação às concepções sobre quais seriam as melhores estratégias metodológicas de ensino para alfabetizar na perspectiva dos novos (multi)letramentos. Constata-se, também, a necessidade de discussões sobre os avanços nas práticas de ensino atuais como dificuldades e necessidades experimentadas pelos professores no processo de alfabetização.

Palavras chave: Alfabetização; Novos (Multi)letramentos; Prática Pedagógica.

Introdução

Alicerçados ao uso das tecnologias, onde as interações sociais constituem-se cada vez mais rápidas e globais, presenciamos um avanço exponencial dos conhecimentos e essa evolução insere mudanças e transformações na forma de se comunicar e interagir, bem como provocando ressignificações no processo de ensino e no aprendizado.

Para Pinheiro (2010, p. 198):

[...] O final do século XX presenciou diversas e profundas transformações de ordem social, histórica, econômica, política, cultural e tecnológica que trariam mudanças significativas na forma tal qual a cultura grafocêntrica era até então

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Professora da Educação Básica no município de Ji-Paraná/RO. Contato: margaretenunes2009@gmail.com

² Pós doutor pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Atua no Programa de Pós-Graduação - Mestrado Acadêmico em Educação – PPGE/MEDUC/UNIR. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4195-1876>. Contato: professorfiori@gmail.com

³ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Professora da Educação Básica no município de Porto Velho/RO. Contato: fatinharosilho@gmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – Ufac. tatiane.santos@ufac.br

concebida, causando mudanças profundas e sem precedentes na vida em sociedade.

Com o advento dessas mudanças, conceituadas como globalização, ampliamos as formas comunicacionais, onde por meio das evoluções cresceram-se os modos de ler e escrever que partem de novos espaços e instrumentos, mudança de superfície, surgindo, assim, a reflexão em direção às novas competências e conhecimentos para essa transformação, o risco e a confiança na demanda de processos para essa modificação. Portanto, impondo para a escola novos desafios e em decorrência disto, referindo-se ao processo de alfabetização, inclui-se a necessidade da alfabetização digital, a *infobetização*.

Na dimensão da educação escolar e das mazelas sociais, no que diz respeito à área da linguagem, ainda não conseguimos superar o analfabetismo absoluto ou mesmo o analfabetismo funcional. Em pleno século XXI os chamados *analfabetos* ainda continuam sendo a mão de obra barata explorada para o desenvolvimento do país, onde ainda parece que prevalecem como objetivos a quantidade e não a qualidade.

Assim, o objetivo deste artigo constitui-se em abordar discussões sobre a importância dos novos (multi)letramentos na prática pedagógica dos professores alfabetizadores, dado que estudos apontam a familiaridade das tecnologias e o uso de textos multimodais na vida do professor e dos alunos, demandando a necessidade de aprofundar essas relações com as experiências formativas em sala de aula.

Na primeira parte do texto, discute-se sobre a construção do conhecimento da criança alfabetizanda em situações de interações sociais; na segunda parte, abordam-se os processos de novos (multi)letramentos na prática pedagógica do professor alfabetizador, e na última parte, sobre os desafios encontrados pelo professor frente à sua prática, como também contribuições de pesquisas realizadas sobre o assunto.

1 A criança na superfície dos novos letramentos

Quando direcionamos nossos olhares para a criança, temos a percepção de que a grande maioria encontra-se inserida nas mais diversas situações que envolvem a tecnologia. Estudos demonstram que essas interações vêm ocorrendo de forma mundial e desde a idade mais tenra. Pereira (2019, p. 16) relata:

[...] o acesso a tecnologias digitais e a redes sociais assim como o tempo passado perante os ecrãs vêm aumentando significativamente entre as crianças dos 0 aos 8 anos em todo o mundo, muito embora de forma não equitativa entre crianças de famílias de diferentes contextos culturais e económicos [...]

Estamos na era dos chamados nativos das tecnologias (VEEN; VRAKING 2006), pois o aprendizado não é deflagrado do nada, é construído a partir do conhecimento que já existe mediado pelas interações sociais, incorporando os conhecimentos prévios dos alunos ao seu processo de construção de conhecimentos (VIGOTSKY, 2007).

Nesta perspectiva, fazemos relação entre a criança e o jogo: quando uma criança chega à escola ainda não alfabetizada e o professor a incentiva a escrever do *jeito dela*, esta ação está baseada na capacidade infantil de jogar, de *fazer de conta*, o aluno ao escrever, põe tudo o que sabe e pensa sobre a escrita, ao professor cabe a intervenção no seu desenvolvimento sobre as hipóteses da escrita.

Quanto aos jogos, Frade; Araújo; Glória (2019, p. 81), sobre a atuação da criança alfabetizanda em ambiente digital, ressaltam:

[...] ampliou e aguçou as crianças a se envolverem nessas práticas da cultura escrita digital, de modo ao ampliarem a compreensão sobre os conhecimentos linguísticos, discursivos e culturais de vários sistemas de linguagem combinados [...].

Essas práticas existentes sendo valorizadas, tanto no convívio escolar, como no familiar, surgem em colaboração para o desenvolvimento da aprendizagem já que as crianças pequenas aprendem muito rapidamente observando e mimetizando o comportamento dos adultos e das crianças mais velhas que lhes são próximas (PEREIRA, 2019, p. 17) e atualmente, com o uso das tecnologias comunicacionais.

2 Letramento: novas superfícies da alfabetização

Compreende-se que, com as tecnologias presentes dentro e fora do âmbito escolar, amplia-se o conceito de alfabetizar, embora a aquisição do sistema de escrita alfabética precise de habilidades específicas, essas aprendizagens necessitam ser relacionadas a novas linguagens, bases e usos, pois integram o universo comunicativo do aluno, suas relações sociais e do mundo do trabalho em que está inserido.

No âmbito escolar, com a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), novos conceitos para as práticas sociais e de linguagem são identificados, e o que era definido por *letramento*, passa a denominar-se *multiletramentos*.

Para Rojo (2019); Pereira, 2019; Hissa (2020), o conceito de multiletramentos está ancorado pelo Manifesto “*A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*”, publicado em 1996, o qual assegura com as mudanças constantes ocorrendo, surge a necessidade de

um novo ensino voltado para as dimensões ligadas à construção do sujeito e do conhecimento para que este atue de maneira ativa na sociedade da qual participa.

Cerca de uma década após ser publicado, Knobel; Lankshear (2007) retomam a necessidade de adjetivar o termo *multiletramentos* e, desta vez, como *novos (multi)letramentos* (ROJO, 2019, p. 25). Para a autora, as mudanças provocadas nos letramentos pelas tecnologias digitais respaldam o uso do adjetivo *novo*:

[...] as tecnologias eram novas: havia mudanças nos códigos-fonte, com novos aplicativos de texto, som, imagem, animação, novas ferramentas de comunicação etc. Também havia uma multiplicação de novos dispositivos digitais: computadores, consoles, mas também *laptops*, tocadores de mp3 mp4, *tablets*, celulares. Havia aumento nas bandas de conexão e tudo isso convocava novas habilidades técnicas da parte do usuário como clicar, cortar e colar, arrastar, ampliar, lidar com muitas janelas etc. [...] (2019, p. 25-26).

E explica a necessidade do termo *novos (multi)letramentos*:

[...] as novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos – hipertexto, multimídia e, depois, hiperímia – que, por seu turno, ampliaram a multissêmico ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos(multi)letramentos. [...]. (ROJO, 2019, p. 26)

Associamos esse cenário à responsabilidade da escola em instituir os novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (BRASIL, 2017, p. 61). Na comunicação entre a cultura escrita e as invenções contemporâneas, “o novo saber implicado na alfabetização terá de ser experienciado, conceitualizado, analisado e aplicado pelos aprendentes” (PEREIRA, 2019, p. 28).

Nessas perspectivas, o texto continua sendo a centralidade, porém, na diversidade de estudos realizados, carece de revisão. No que se refere à multimodalidade:

[...] A multimodalidade é entendida como o uso desses variados modos de representação que se articulam para a construção do sentido do texto e demandam novas práticas de escrita e de leitura, ou seja, há uma reconfiguração do conceito de letramento para além do verbal e da letra. [...] (FRADE; ARAÚJO, GLÓRIA, 2019, p. 63).

Entendemos que os impactos da multimodalidade com relação à leitura e à escrita se tornam vivos e significativos quando se aprende a lidar desde cedo com essas possibilidades, desse modo, as novas práticas estão intrinsecamente relacionadas à prática pedagógica do professor alfabetizador.

Rocha (2021) também defende:

[...] trazer essa prática para o contexto escolar deles desde o Ensino Fundamental fomentará práticas multiletradas que poderão proporcionar aos alunos maior facilidade na leitura e na compreensão dos textos multimodais/multisssemióticos [...]. (ROCHA, 2021, p. 70)

Elevamos a necessidade da implementação de práticas para além do escrito e impresso. “Ensinar a usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola na construção da cidadania” (ROJO, 2009, p. 89), elemento que aproxima o conhecimento escolar do uso social da leitura e da escrita.

3 O professor alfabetizador na construção da sua prática pedagógica

Com as mudanças tecnológicas, as práticas escolares de letramento se alteram, (ROJO, 2017) e nos oferecem a compreensão ancorada por trabalhos já realizados por Santaella (2010), em que a autora as classifica em seis tipos de eras culturais: oral, escrita, impresso, de massas, das mídias e a digital.

Na dimensão das práticas digitais, pesquisas em ambientes alfabetizadores revelam a convivência dos professores junto às tecnologias, como também a importância para a aprendizagem do aluno. Queiroz; Filho (2019, p. 10) afirmam que as práticas inovadoras são aceitáveis pelos educadores e benéficas aos educandos. “Percebemos que os professores reconhecem a relevância e o impacto desse uso para fins pedagógicos...” (COSCARELLI, 2019, p. 49).

Quanto ao uso dos multiletramentos e textos multimodais em sala de aula, os resultados não refletem na mesma proporção em relação à familiaridade:

[...] é a própria falta destes recursos, pois não há uma observação sistemática e importância à questão por parte de investimentos governamentais. Assim como a ausência de formação docente específica para o manuseio desses recursos [...] (QUEIROZ; FILHO, 2019, p. 8).

No tocante à falta de investimentos governamentais, Rocha (2021, p. 78), em estudo durante o período pandêmico relata: “[...] a escola não tem condições financeiras para manter uma plataforma digital de estudos e a Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte não disponibilizou tal meio [...]”; atentamos para o fato de que avanços tecnológicos são expressivos, porém, a escassez de investimentos e políticas públicas fazem ampliar os desafios encontrados pelo professor para o desenvolvimento de sua prática pedagógica e implementação de novas metodologias de ensino.

A escola nem sempre possui um planejamento do trabalho com o letramento digital e esse tema pode ainda não fazer parte do projeto pedagógico. “Precisamos pensar nas agências que vão ajudar os professores a usar a tecnologia como recurso didático, uma vez

que muitos deles não se sentem preparados para usar as tecnologias digitais como recurso pedagógico”(COSCARELLI, 2019, p. 48).

Percebe-se a preocupação e certa disponibilidade dos professores quanto ao uso dos multiletramentos e textos multimodais em sua prática pedagógica, porém, infelizmente, os agentes de reformas e de mudança costumam não dar atenção a esses propósitos, não lhes dão direito à voz e condições materiais para a implementação de novas práticas.

Análise do problema

A criança em suas interações, na leitura da audição entende a linguagem de maneira natural, no envolvimento da leitura de palavras (manuscritas, impressas e/ou digitais), para o seu entendimento, carece de aprendizagem da linguagem escrita (VIGOTSKY, 2007).

Nesta perspectiva, a alfabetização torna-se um processo complexo a ser utilizado por crianças cada vez mais cedo. Com mudanças e transformações, as práticas sociais de leitura e escrita partem de novos espaços, mudam as superfícies (PEREIRA, 2019), assim, precisam ser inseridas ativamente dentro do espaço escolar, dado que, a escola ainda não as incorporou centralmente em suas práticas pedagógicas (ROJO, 2017).

Estamos num processo de aceleração, por meio do qual as fronteiras entre manuscrito, impresso e digital estão cada vez mais diluídas e coexistem, requerendo para um ensino e aprendizagem de qualidade professores competentes (SCHÖN, 1992; GARCIA, 1999; TARDIF, 2014). Sem deixar de priorizar o histórico da escrita (FRADE; ARAÚJO, GLÓRIA, 2019), essas competências passam pelas práticas dos novos (multi)letramentos (ROJO, 2009, 2017, 2019; COSCARELLI, 2019; QUEIROZ; FILHO, 2019; HISSA, 2020).

Com o estudo realizado, contemplamos a relação fluída com o conhecimento, como também a proximidade do professor junto aos novos (multi)letramentos, porém a necessidade de *dar voz ao professor* (FULLAN; HAGREAVES, 2000), pois “o ideal seria que os cursos de formação docente também investissem no letramento digital do professor e no uso de recursos digitais em práticas pedagógicas” (COSCARELLI, 2019), igualmente *tempo* para o andamento das ações e apoio da administração escolar (GARCIA, 1999; FULLAN; HAGREAVES, 2000).

Para tal, quais serão as práticas docentes articuladas à prática social, de modo a gerar mudanças na cultura escolar?

O desenvolvimento do profissionalismo interativo vem ao encontro dessas necessidades, no entanto, é preciso investigar que novas aprendizagens ocorrem quando essas práticas são associadas à aprendizagem inicial da escrita (FRADE; ARAÚJO, GLÓRIA, 2019), que também prescinde integrar os novos recursos comunicacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que, com as mudanças e transformações que ocorrem, o acesso às tecnologias digitais aumentaram significativamente entre crianças em idade de processo sistemático de alfabetização, tanto dentro, como fora do ambiente escolar (muito embora de forma não equitativa entre crianças de famílias de diferentes contextos culturais e econômicos), com isso, é pertinente estimulá-las a ampliarem a compreensão sobre os conhecimentos linguísticos, discursivos e culturais de vários sistemas de linguagem combinados e a múltiplas plataformas tecnológicas de comunicação.

Neste cenário, vimos a necessidade da integração de novas habilidades a serem desenvolvidas no processo de alfabetização, sem deixar de privilegiar o escrito e o impresso, nem deixar de considerar gêneros e práticas consagradas pela escola, mas também contemplar os novos (multi)letramentos.

Neste contexto, para alfabetizar na perspectiva do uso social da leitura e da escrita é necessário que as práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores incluam as metodologias que utilizam as novas tecnologias e insiram os novos multiletramentos e textos multimodais na prática pedagógica dos professores alfabetizadores.

REFERÊNCIAS

ALVES DA SILVA FRADE, I. C.; DAISY VIEIRA ARAÚJO, M.; SILVA GLÓRIA, J. Multimodalidade na alfabetização: Usos da leitura e da escrita digital por crianças em contexto escolar. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 8, 2 jul. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

COSCARELLI, VIANA C. Perspectivas culturais de uso de tecnologias digitais e a educação. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 8, p. 33-56, 2 jul. 2019.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FULLAN, Michael; HAGREAVES, Andy. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. Tradução: Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Tradutora: Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GOMES DE QUEIROZ, Michele; BRASILEIRO FILHO, Samuel. A Tecnologia como ferramenta didática no processo de alfabetização de crianças. **Research, Society and Development**, vol. 8, n. 8, p.1-10, 2019.

HISSA, D. L. A. Estudos de (multi)letramentos: construção de premissas teórico-didáticas por professores em fóruns e chats acadêmicos. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, v. 24, n. 1, p. 101-120, jan/jun. 2020.

PEREIRA, S. P. Í. Para uma reconceptualização do processo de alfabetização. Desafios colocados pela comunicação digital. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 8, p. 15-32, 2 jul. 2019.

PINHEIRO, P. A. Web 2.0 e saber-fluxo: novas questões de letramento digital. **Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, n. 37-38, p.193-214, 2010.

ROCHA, C. M. da, **O ensino de língua portuguesa na perspectiva do Projeto de Letramento: leitura e escrita de texto multimodal/multissemiótico no nono ano do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Acre. Rio Branco, Acre, p. 115. 2021.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

_____. Entre Plataformas, ODAs e Protótipos: novos multiletramentos em tempos de WEB2. **The ESpecialist**, v. 38, 2017. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação**. Trad. Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José Antônio Souza Tavares. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 77-91.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Cole, M. (org.). 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VEEN, Win; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: Educando na Era Digital**. Tradução: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.